

CARTA DO EDITOR

O **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas** é uma das poucas revistas brasileiras especializadas na publicação de artigos de linguística indígena. Esta subárea da linguística geral tem estreitas relações com a etnologia, a arqueologia e a história indígena, razão pela qual sempre esteve presente no escopo editorial da revista. Desde 2006, quando o Boletim foi reformulado, já foram publicados dois dossiês sobre o assunto, “Estratégias de relativização em línguas amazônicas” (v. 1, n. 1), organizado por Sidney Facundes, Ana Vilacy Galúcio e Nilson Gabas Júnior, e “Linguística histórica na América do Sul” (v. 2, n. 2), organizado por Ana Vilacy Galúcio e Pieter Muysken. A maior parte dos trabalhos publicados provém de eventos ou de projetos de pesquisa vinculados ao Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) e à Universidade Federal do Pará (UFPA), dois centros de investigação importantes nessa área de conhecimento, infelizmente, incipiente no Brasil, se levarmos em consideração a diversidade de línguas indígenas e a urgência do trabalho de documentação a ser feito.

O presente número dá continuidade a esse esforço de disseminar a produção científica relacionada às línguas indígenas em revistas especializadas. Organizado por Gessiane Picanço, Hein van der Voort e Marília Ferreira, o dossiê “Línguas indígenas” reúne sete artigos de dez autores, filiados à Universidade de Brasília, Universidade Federal do Pará, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade de São Paulo e ao Museu Paraense Emílio Goeldi. Assim como os demais dossiês, é fruto da capacidade de articulação de dois grupos de pesquisa (MPEG e UFPA) que têm mantido estreita colaboração entre si e com outros grupos brasileiros e estrangeiros.

Do ponto de vista editorial, é sempre um desafio publicar trabalhos nessa área de conhecimento, por várias razões: a pequena comunidade de cientistas dedicados às línguas indígenas no Brasil, o que dificulta a seleção de bons avaliadores (esta revista, felizmente, contou com a colaboração de vários linguistas estrangeiros); o uso de duas fontes tipográficas, sendo a família DejaVu utilizada para grafar sinais diacríticos, palavras e expressões nas várias línguas indígenas; o uso de vários estilos e efeitos tipográficos em um mesmo texto, como negrito, itálico, versalete, subscrito e caixa alta; o uso especial da mancha gráfica, motivo pelo qual os artigos em linguística indígena são formatados em apenas uma coluna, em vez das duas colunas usualmente adotadas pela revista; e a enorme quantidade de detalhes a serem observados pelos autores, editores, revisores e designers envolvidos com a produção editorial. Isto demanda tempo, atenção e paciência de todos, e também representa uma carga extra de trabalho para todos. Esperamos que os leitores da revista aprovelem o trabalho realizado, tanto no conteúdo científico quanto no aspecto editorial e gráfico.

Além do dossiê, publicamos quatro artigos e uma nota de pesquisa. No primeiro texto, Marcos Pereira Magalhães (MPEG) discorre sobre o conceito de ‘território cultural’ na arqueologia amazônica, abordagem capaz de revelar interessantes conexões entre dinâmicas sociais, cultura material, recursos naturais e transformação ambiental. José Manuel Brandão (Universidade de Évora, Portugal) reconstitui a formação e a composição de uma

coleção mineralógica proveniente de Timor à época da dominação portuguesa, estudo que tende a despertar imediato interesse de historiadores e museólogos, por aliar colecionismo, desenvolvimento científico e exploração colonial. Pedro Glécio Costa Lima e colaboradores (MPEG) analisam a riqueza de etnovarietades de mandioca cultivadas em comunidades do oeste do estado do Pará, chamando a atenção para as relações sociais que favorecem a diversidade biológica e para os conhecimentos tradicionais relacionados a esse recurso. Fábio Fonseca de Castro (UFPA) identifica e descreve oito características do sistema de comunicação midiática na Amazônia, consideradas 'macrodinâmicas' capazes de reproduzir relações de poder e gerar processos de resistência na sociedade local. Por fim, Enrique Normando Cruz (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, Argentina) apresenta interessante nota sobre as confrarias religiosas que existiram no norte da Argentina entre o final do século XVIII e o início do XIX, compostas por diferentes grupos étnicos e sociais.

Na seção Memória, damos continuidade à série de textos alusivos ao Ano da Alemanha no Brasil, iniciada em abril de 2013 com a publicação de um relato de viagem inédito de Emília Snethlage e da tradução do obitúário dessa ornitóloga, escrito por Emil-Heinrich Snethlage. Neste número, outro pesquisador alemão merece nossas homenagens: Curt Nimuendajú (1883-1945). Peter Schröder (Universidade Federal de Pernambuco) publica aqui a tradução de um texto pouco conhecido do etnólogo, "Visita aos índios Ticuna", de 1930, precedida de comentários que contextualizam o artigo. Nas próximas edições, planejamos trazer à luz mais textos e biografias de cientistas alemães que escolheram o Brasil para viver e/ou que se notabilizaram pela produção científica relacionada, sobretudo, à Amazônia.

Na seção de resenhas, contamos com a generosa colaboração de Márcio Benchimol Barros (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho), Moema de Rezende Vergara (Museu de Astronomia e Ciências Afins) e Neusa Pressler (Universidade da Amazônia).

Com grande pesar, registramos o falecimento de Bertha Koiffmann Becker, geógrafa, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 13 de julho de 2013. Bertha era membro do Conselho Científico desta revista há oito anos, e uma ativa colaboradora. Deu pareceres, acompanhou com interesse cada número e aqui publicou dois textos, "Novas territorialidades na Amazônia: desafio às políticas públicas" (v. 5, n. 1, 2010) e "Reflexões sobre hidrelétricas na Amazônia: água, energia e desenvolvimento" (v. 7, n. 3, 2012). Ambos sintetizam, de maneira notável, as recentes preocupações da cientista, seja as relacionadas à necessidade de retomar o planejamento regional da Amazônia em escalas geográficas adequadas aos processos sociais territorializados nessa complexa região, seja as vinculadas à construção de dezenas de hidrelétricas na bacia amazônica e à necessidade de uma gestão democrática e transparente dos recursos hídricos locais. Bertha mostrou-se uma das maiores críticas dos projetos desenvolvimentistas implantados (e em implantação) pelo governo federal na Amazônia e, ao mesmo tempo, uma das cientistas que mais cobraram a elaboração de políticas públicas federais voltadas ao bem estar social, ao desenvolvimento econômico e ao conhecimento científico da região, de maneira consistente e permanente. É neste tripé que consiste a chamada 'revolução beckeriana' para a Amazônia, defendida hoje por muitos pesquisadores, a partir do termo originalmente cunhado por Charles Clement. Infelizmente, Bertha ainda não foi ouvida como merece, mas sua obra permanecerá estimulando novos estudos e como referência para pensar o futuro da região amazônica. Aos interessados, o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Biodiversidade e Uso da Terra na Amazônia, sediado no MPEG, vem promovendo debates públicos sobre a obra de Bertha, de maneira a avaliar e sistematizar suas contribuições

acadêmicas e políticas; também produziu um CD-ROM com a obra da cientista e o blog “De Bertha Becker: obra, pensamentos e reflexões”, com artigos, resenhas, entrevistas, comentários, documentos e fotografias. Nós, desta revista, somos especialmente gratos pela cordialidade do diálogo estabelecido com Bertha e pela atenção que dedicou aos convites e procedimentos do periódico.

Agradecemos, finalmente, aos organizadores do dossiê “Línguas indígenas”, aos autores, avaliadores e a toda a equipe editorial, que segue dedicada e ampliada, com a chegada de novos colaboradores para uma missão que se desdobra em desafios e responsabilidades.

Boa leitura!

Nelson Sanjad
Editor Científico